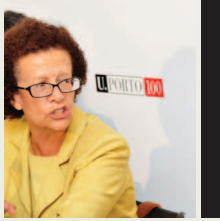


Era uma vez um pintor que tinha um aquário com um peixe vermelho. Vivia o peixe tranquilamente acompanhado pela sua cor vermelha até que principiou a tornar-se negro a partir de dentro, um nó preto atrás da cor encarnada. O nó desenvolvia-se alastrando e tomando conta de todo o peixe. Por fora do aquário o pintor assistia surpreendido ao aparecimento do novo peixe.

Herberto Helder,
"Os Passos em Volta"



OS PASSOS EM VOLTA DE ARMANDA



“Uma mulher que nos dá estas coisas!”, exclamou a historiadora de arte Raquel Henriques da Silva, ao concluir a visita guiada que orientou durante a inauguração da exposição “Reservas”, que reúne a obra a óleo sobre tela de Armanda Passos (Peso da Régua, 1944) e é comissariada por Fábíola Valença. O arrebatamento de uma das maiores especialistas em arte portuguesa justifica-se pelo cortejo de imagens poderosas, interpeladoras e até desconcertantes que, numa perfeita imbricação, se espriam pelas paredes da Galeria da Biodiversidade da Casa Andresen (Jardim Botânico do Porto) – um edifício, também ele, assombrado pelas reminiscências literárias de quem lá viveu uma infância encantatória: Sophia de Mello Breyner Andresen e Ruben A. A inauguração da exposição “Reservas” ocorreu a 22 de setembro, no âmbito das comemorações do Centenário da U.Porto. Na ocasião, Raquel Henriques da Silva salientou, à guisa de apresentação da obra e da sua autora, “a importância do bestiário” na cosmogonia de Armanda Passos. Esse “lugar central dos outros animais, que não nós, no lugar original da arte” é, para a professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa, uma “das marcas mais fortes da obra” da pintora. Isto porque, nos seus trabalhos, “os animais são sempre animais enigmáticos: uns identificando-se, outros não; uns parecem-nos humanos ou, então, são os humanos que já se parecem animais e nós sentimos que há ali um mundo partilhado”.

As mulheres, invariavelmente de silhuetas bojudas e carnação colorida, são outro objeto pictórico de grande relevância na obra de Armanda Passos. A este propósito, Raquel Henriques da Silva afirma, num texto de reflexão sobre a pintora (“Armanda Passos: reservas de sonho”), que “o eficaz dispositivo cromático da pintura de Armanda dá corpo aos corpos rotundos

de mulheres que, quase todas, transportam, nos gestos e no vestuário, um tempo remoto, impossível de datar na História, sugerindo um poder matricial que é essencialmente pungente. As mulheres que o detêm, hesitam em usá-lo ou usam-no com parcimónia, ajudando-se entre si, e apoiando-se em misteriosos animais. Elas sabem ou intuem que transportam um mistério: ele é fonte de vida mas pode instaurar a morte”.

Pintar o silêncio

Durante a visita guiada, Raquel Henriques da Silva ancorou a obra de Armanda Passos em dois conceitos: o artista enquanto fazedor e a pintura enquanto materialização do silêncio. Para a historiadora de arte, Armanda Passos “não dispensa a dimensão do fazer”. E é “essa dimensão do fazer” que afilia a pintora, não entre os artistas contemporâneos da “geração do demolir”, mas sim entre os da “geração do construir”. Na opinião de Raquel Henriques da Silva, há na pintura de Armanda Passos “quase a luxúria do gosto de pintar”. O que se repercute no próprio “ofício da pintora: minucioso, tecnicamente seguríssimo, confiante na criatividade da mão que, no tempo da criação, funciona, em canal aberto, com a reflexão e a inteligência”, escreveu a historiadora no texto de reflexão já aqui aludido.

Por outro lado, “aquilo que ela [Armanda Passos] pinta, podemos dizer, é o silêncio”, afirmou Raquel Henriques da Silva ainda durante a visita guiada. “Há aqui uma ânsia de fala e, no entanto, a gente sente o silêncio”, acrescentou. No texto de reflexão, a historiadora concretiza melhor esta premissa: “O que mais aprecio nas mulheres de Armanda Passos é a sumptuosidade do seu silêncio. Num mundo tão cheio de ruído, de palavras tão gastas, de vitórias e de fracassos, esse silêncio é um repto provocatório. Se pararmos, sem pressa de entender e de explicar, se nos deixarmos envolver pelo ritmo das cores e pela inventividade de cada composição, se acompanharmos a autonomia das formas e dos seus entrosamentos, ouviremos esse silêncio como uma espécie de canto primordial, melódico, cheio de compaixão que se oferece como partilha”.

Ainda na intervenção proferida durante

a inauguração, Raquel Henriques da Silva rebateu a ideia – defendida, por exemplo, pelo historiador e crítico de arte José-Augusto França – de que as pinturas de Armanda Passos têm uma única figura multiplicada. “De facto, a figura não é nada a mesma. São figuras distintas que são unificadas por uma ideia. A intensidade do olhar, o regime cromático, a atenção aos pormenores, as orientações e a relação com os animais distinguem completamente umas figuras das outras”. Aliás, “um quadro da Armanda não se confunde com um quadro de outra pessoa. Ela tem uma estilística determinada”, salientou ainda Raquel Henriques da Silva na inauguração de uma exposição que, devido ao elevado número de visitantes (mais de 3.000), vai permanecer aberta ao público até 8 de janeiro de 2012 (a data de encerramento prevista era 6 de novembro).

Também integrada no programa do Centenário da U.Porto, está em exibição na Reitoria da Universidade, desde 24 de outubro e até 31 de dezembro, a exposição de Armanda Passos “Obra Gráfica”. Dividida em duas salas, a exposição reúne cerca de 90 trabalhos (gravuras, serigrafias e matrizes a tinta da China) inventariados, com rigor metodológico, pela comissária Fábíola Valença, no âmbito do seu mestrado em História da Arte Portuguesa na FLUP. Na primeira sala da exposição estão patentes trabalhos em gravura e serigrafia concluídos por Armanda Passos entre 1976 e 1979, enquanto estudante da ES-BAP, antecessora da FBAUP. A segunda sala acolhe a obra gráfica produzida no primeiro atelier da pintora, ao longo da década de 80. São cerca de 40 serigrafias de tiragem reduzida (aproximadamente 30 exemplares), entre as quais se encontram aquelas que representaram Portugal nas exposições internacionais de gravura e nas bienais europeias de arte seriada. Estão assim reunidas, nesta exposição, todas as serigrafias executadas pela artista, uma vez que, a partir de 1990, quando muda de atelier, Armanda Passos abandona esta técnica de reprodução de imagens. Paralelamente às duas exposições, um conjunto de atividades pedagógicas (workshops e visitas guiadas) foi programado para dar a conhecer o universo artístico de Armanda Passos.

